

## 100 anos de encantamento do nosso primeiro poeta: Lourival Açucena (1827-1907)

João da Mata Costa – UFRN

Em 2007, foi celebrado um século de encantamento do nosso primeiro poeta. Seu nome Lourival Açucena, ou o árcade “Laurênio”. Nascido em 17 de outubro de 1827, na cidade alta dos *xárias*. Seu nome de batismo era Joaquim Eduvirges de Melo Açucena, e o Lourival ele recebera depois de representar o papel do Capitão Lourival na peça “O Desertor Francês” (1846), de Antonio Xavier Ferreira de Azevedo. No séc. XIX Natal ainda era um imenso jardim tropical e, Lourival, o seu pastor a tocar o violão plangente e cantar os olhos da amada que podia ser mais belo que a estrela d’álva. “a estrela d’álva é bonita, mas não é como meu bem”. Depois da Lua, é a estrela d’álva o astro mais cantado pelos poetas.

O poeta era um grande menestrel das noites e serões boêmios de uma Natal bucólica. Lourival foi um eterno apaixonado e não hesitava em atravessar o rio Potengi a nado e andar mais outras léguas para visitar a sua amada que morava em São Gonçalo. Teve uma vida aventureira “a la Cervantes”, tendo inclusive sido preso na fortaleza dos Reis Magos com acusação de desfalque na administração da mesa de rendas de Macau.

Entre legítimos e bastardos Lourival teve mais de 30 filhos. Seu filho Joaquim Lourival Soares da Câmara – professor Panqueca (1849-1920) – professor do poeta Ferreira Itajubá, sabia de cor quase todas as suas poesias e foi o responsável pela preservação da sua memória. Açucena não deixou livro publicado e felizmente teve em Câmara Cascudo um grande antologista. Em 1927, Cascudo publica o livro “Versos” (na folha de rosto consta MCMXX), com parte da obra poética de Lourival Açucena publicadas em jornais e memorizadas pelo professor Panqueca, grande informante de Cascudo para assuntos culturais e Lourival Açucenenses.

Improvisador destacado e modinheiro. Sentimentalmente esteve ligado aos árcades e românticos. Tinha predileção pelo poeta Bocage. São muitos os poemas em louvor à musa Marília:

A uma Mangueira  
 Copada mangueira  
 vistosa e faceira  
 que do rio à beira  
 se vê florear

Me lembras o dia  
 de amor e folia,  
 em que terno ouvia  
 Marília Cantar...

Para Açucena, o amor é uma rolinha “leda” e tão “azinha” (Soneto à D. Maria de Melo Azevedo). O poeta utiliza palavras do português arcaico bem ao gosto do poeta Bocage. A palavra “leda” significa alegre, e “azinha” é homônimo de asinha, que significa rápido.

Em Bocage – um dos maiores sonetistas da língua portuguesa – a palavra “ledo” aparece com muita frequência: “o ledo passarinho, que gorgeia...”, ou: “Oh ledos olhos, cuja luz parece/Tênuê raio de sol...”

Para Cascudo, no prefácio ao livro Versos, Lourival era a alma alegre da cidade. Improvisador de festanças, tirador de “reses”, sonetista aos numes (deuses) da época, marcador de quadrilhas, artista dramático, fazedor de brindes, compadre de meio mundo, respeitado e cortejador, era ainda aquele que conhecia: – “os tristes desvios d’altivosas criaturas”. (“Versos” 1986, p. 25-26).

No importante livro de Ezequiel Wanderley, Poetas do Rio Grande do Norte (1ª ed. 1922), foi selecionado de Lourival o poema “Política”, onde o poeta responde a “Yayá” porque deixou a política:

#### POLÍTICA

“... Nas vésperas da eleição,  
 vão à casa do compadre,  
 rompem sedas à comadre...  
 E o pobre diabo  
 entra na rascada,  
 tomando sopapos  
 servindo de escada ...”

Em “Canto Potiguara (Toré)”, o poeta escreve uma de suas poesias mais inspiradas em homenagem a Porangaba, pseudônimo de sua amada Silvânia, com quem O POETA casou aos 77 anos.

“... Curupira se afugenta  
manitó esquece a taba,  
mas minh’alma não esquece  
o amor de porangaba...”

Em 1907, o poeta Henrique Castriciano escreve para o jornal “A República” vários artigos com o título “Lourival Açucena e seu Tempo”. O poeta possuía fidelíssima, assombrosa memória; sabia a história antiga, inúmeras comédias e, estrofe por estrofe, os Lusíadas, de Camões. Na velhice, diz ainda o Castriciano: entregue à ociosidade começou a exceder-se, dando-se a freqüentes libações, esgotamento em virgílias que o seu envelhecido organismo não suportava.

Para Câmara Cascudo não faltou ao poeta certo respeito admirativo. A cadeira No 4 da academia norte-riograndense de letras tem como patrono Lourival Açucena, fundador Virgílio Trindade e sucessor o presidente do Instituto Histórico e Geográfico do RN, Enélio Lima Petrovich. Mas, o maior respeito que devemos devotar ao grande e inspirado poeta da bucólica e frondosa cidade Natal do séc XIX, é não esquecer a sua bela poesia e modinhas. Mais de uma dezena dessas modinhas foram registradas no livro do prof Cláudio Galvão, que faz um resgate da modinha no estado do RN (A modinha norte-riograndense 1999).

O platonismo do amor caboclo do poeta é revelado no belo poema antologizado por Rômulo Wanderley (Panorama da Poesia Norte-Rio-Grandense 1965), escolhido para terminar esse breve artigo em comemoração ao centenário do grande bardo potiguar. Um poema que tem inspiração em Camões, o maior poeta da língua portuguesa.

Eu não sei Pintar o Amor  
Amor é brando é zangado  
É faceiro e vive nu,  
Tem vistas de cururu,  
e vive sempre vendado:  
è sincero, é refochado,

Causa prazer, causa dor.  
Tem carinhos, tem rigor,  
Amor... pinte-o quem quiser,  
Eu não sei pintar o amor.

[...]

"Eu não sei pintar o Amor" 1883 (p. 36-37) em Açucena, Lourival. Versos reunidos por Luis da Câmara Cascudo 1927.

## BIBLIOGRAFIA

AÇUCENA, Lourival (Lorênio). **Versos Reunidos por Luis da Câmara Cascudo**. Natal: Ed. Universitária da UFRN, 1986. (Coleção Resgate).

BOCAGE. **Poesias**. Seleção, prefácio e notas de Guerreiro Murta Livraria Sá da Costa Lisboa, 1966.

CASCUDO, Luis da Câmara. **Lourival Açucena**. Artigos publicados na Revista do Instituto Histórico e Geográfico do RN, v. LVI, LVII e LVIII Anos 1964. 1965 e 1966.

CASTRICIANO, Henrique Lourival. **Açucena e seu tempo**. Artigos n' A Republica Natal 1907.

GALVÃO, Cláudio. **A modinha norte-riograndense**. Natal, 1999.

WANDERLEY, Ezequiel. **Poetas do Rio Grande do Norte**. Ed. Fac-similar co-edição. Natal: Sebo vermelho-Clima, 1993.

WANDERLEY, Romulo C. **Panorama da poesia Norte-rio-grandense**. Prefácio de Luis da Câmara Cascudo. Ed. do Val, 1965.